

II

Pero de Magalhães de Gandavo publicou em Lisboa em 1576 uma *Historia da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Dedicou a D. Leonis Pereira, governador que fôra de Malaca. Luis de Camões juntou-lhe uma elegia para introdução. E sendo este o primeiro livro em Portugal impresso sobre o assumpto, foi muito lido; algumas idéas nelle apresentadas pela primeira vez passaram a outras obras e a *Historia* tornou-se tão rara por fim que da primeira edição se conhecem apenas dois exemplares, um dos quaes em nossa Bibliotheca Nacional.

Antes da *Historia*, por 1568, escreveu elle um *Tratado da terra do Brasil* só vulgarizado mais tarde, em 1826, na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*. E' dedicado ao cardeal D. Henrique, e no prologo assegura-nos o autor que nos dias passados offerecera outro a d. Sebastião.

Não se conhece este; mas em compensação possuímos um de que não havia antes noticia. E' dedicado á rainha d. Catharina, existe manuscripto e anonymo em Londres, no *British Museum*, e dahi, graças ao zelo e dedicação incansavel do sr. conselheiro Silva Paranhos (o benemerito Barão do Rio Branco), veio uma copia para esta Corte.

A comparação entre o tratado dedicado a d. Henrique e o dedicado a d. Catharina mostra que as duas obras são exactamente a mesma. A copia de Londres é, porém, mais fiel e apresenta algumas variantes apreciaveis. Para qualquer reimpressão deve ser preferida á que serviu para a edição de Lisboa de 1826. Provavelmente o livro dedicado a d. Sebastião não passava de outra copia com ligeiras variantes, e a sua perda não é desfalque para a nossa litteratura historica.

Mas em um ponto a edição de Lisboa leva grande vantagem á copia de Londres: contém um capitulo, o ultimo, que falta inteiramente nesta. Como explicar esta omissão? Não é porque o assumpto fosse menos interessante que os que occupam outras paginas, — veremos o contrario. Talvez o motivo fosse que o facto a que se refere o autor chegou a seu conhecimento no intervallo entre a apresentação da copia a d. Catharina e a apresentação da copia a d. Henrique. E' por isso que vem na ultima pagina, como accrescimo de ultima hora.

O facto que Magalhães de Gandavo narra é o seguinte:

Chegaram a Porto Seguro uns Indios do certão a dar novas de certas pedras verdes que existiam n'uma serra alongada para o interior. Trouxeram consigo algumas, que foram reconhecidas como esmeraldas, mas não de muito preço. Sabendo disto os habitantes

da capitania, reuniram-se em numero de cincoenta a sessenta, e acompanhados de alguns Indios penetraram pelo certão. Ia por chefe um Martim Carvalho, que depois se mudou para a Bahia (talvez o senhor de engenho de que falla G. Soares a p. 137), e com elle andaram algumas duzentas e trinta leguas, por espaço de oito mezes. Passaram muitas serranias de christal, outras de terra azulada em que se desconfia haver ouro, até que num riacho encontraram alguns grãos miudos, amarellos, muito pesados, que apalpados nos dentes acharam-se brandos mas não se desfaziam. Apanharam delles um punhado, julgando que fosse o precioso metal e seguiram para adiante; mas a falta de mantimentos, o receio dos inimigos, as doenças que assolavam a gente exigiram a volta, e elles tornaram-se outra vez em almadias por um rio que se chama Cricaré, onde se perdeu n'uma cachoeira a canoa em que vinham os suppostos grãos de ouro que traziam para mostras.

E' o que diz Gandavo no capitulo IX da segunda parte do seu *Tratado*.

Si as considerações antes formuladas têm algum fundamento, a expedição deve ter tido logar antes de 1567 ou 1568. E' portanto esta a terceira expedição conhecida que de Este do Brasil penetrou o certão a cata de minas. Tem alguns pontos de contacto com a de Espinhosa, mas parece ter ido mais para o Sul, pois desceu pelo Cricaré, actualmente chamado rio de S. Matheus.

Ainda de Porto Seguro partiram duas expedições commandadas por Sebastião Fernandes Tourinho, parente dos donatarios da capitania. Apenas se sabe que são anteriores a Luis de Brito e Almeida, que chegou ao Brasil em 1573. E devem ser posteriores á de Martim Carvalho, sinão Gandavo tel-as-ia mencionado de preferencia, pela posição social do agente. De ambas dá razão Gabriel Soares (*Tratado descriptivo do Brasil*, p. 60, 61, 69 e 70, da edição de 1851), seu contemporaneo, que passamos a aproveitar.

Como elle não nos diz qual das duas expedições realisou-se primeiro, e narra uma a proposito do Jequitinhonha e outra a proposito do rio Doce, seguil-o-ei por agora, deixando para depois examinar em que ordem chronologica succederam.

Sebastião Fernandes Tourinho, diz nos elle em resumo, morador de Porto Seguro, entrou pelo certão com alguns companheiros e andou por elle alguns mezes á ventura sem saber por onde caminhavam, até que chegaram em direito do Rio de Janeiro, como conhecerão pela altura do sol e pela serra dos Orgãos. Retrocedendo, chegaram a um campo grande onde acharam lagoas e riachos que corrião para o rio Grande, e indo com o rosto ao Noroeste, caminhadas umas trinta leguas por serras de pedras, tomando a leste encontraram um rio chamado Razo-Aguipe. Por elle andaram oitenta leguas ao Norte em canoas, com o rosto até o Grande em que vem des-

aguar, e entrados neste vierão ter ao mar, depois de uma navegação de vinte e quatro dias, vindo sempre com a proa ao loeste.

Não é fácil com tão poucos elementos determinar os pontos descritos neste roteiro. Nelle ha evidentemente erros, como no logar em que diz que as canoas chegaram ao mar navegando com a proa ao loeste, isto é, na direcção opposta a em que o mar se acha. Embora Gabriel Soares nos assegure que Sebastião Tourinho sabia muito bem tomar a altura do sol, não abona muito a sua sciencia o facto de elle ter chegado ao Rio de Janeiro, sem o sentir. Mas ha um ponto que nos auxilia nesta investigação: o rio Razo-Aguipe.

A que rio corresponde este? Varnhagen nos commentarios com que adornou o *Treatado* de Gabriel na edição publicada ás expensas do Instituto Historico, nada diz a tal respeito, nem tambem nas duas edições da sua *Historia Geral*. Nem, depois d'elle, occupou-se alguém com este ponto. Póde-se, portanto, permittir uma hypothese que quem mais tarde e com melhores documentos estudar o mesmo assumpto, rectificará facilmente.

Comecemos por tirar da palavra Razo-Aguipe a ultima syllaba, — *pe*, que é uma posposição da lingua geral, significando *em*.

E' muito usada nos rios do Norte, mas para o Sul é menos, como vemos em Jaguaripe na Bahia e Jaguary em Minas Geraes. Notemos em seguida que o Z não é som tupy, e que deve estar em logar de S, o qual por estar isolado no manuscrito sujeitaram á lei da prosodia portugueza. Lembremos ainda que o R em tupi é sempre brando, qualquer que seja a posição que occupe, e que em portuguez é sempre forte no principio das palavras: dahi o facto interessante do Brasileiros juntarem-lhes um A inicial para, pondo o R entre duas vogaes, conservarem-lhe o som primitivo: é o que se vê em *Aracipe*, por exemplo, cuja forma antiga é *Rari*, como se lê num documento conservado em Purchas. Com todas as alterações que procuramos restituir temos que o rio deve chamar-se Araso-Agui.

Si, por fim notarmos que a forma antiga de Piauby era Piaguy e muitos factos congeneres poderíamos invocar, temos um precedente que, junto a outros, permite affirmar que, linguisticamente, o Razo-Aguipe de Gabriel Soares é o Arassuaby dos novos mappas.

Geographicamente não ha obstaculo a esta identificação, porque aquelle era um affluente do Jequitinhonha exactamente como este. E' pena que os nossos mappas da zona percorrida sejam em tão pequena escala e as indicações do Gabriel Soares tão tenuas que se não possa levar mais adiante a identificação. Mas deixemol-a assentada aqui porque depois ha de servir.

Na segunda expedição Sebastião Tourinho subiu o rio Doce, até um seu affluente chamado Mandi, nome que os viajantes e mappas modernos converteram em Guandú. Entrando nelle e desembarcando

com sua gente, seguiu por terra umas vinte leguas em rumo de E SO. até uma lagôa donde sae um rio em rumo de E., que prolongaram por mais de 30 leguas; depois caminharam umas setenta leguas, durante quarenta dias, em rumo de Oeste, até chegar no rio Doce novamente. Neste rio fizeram canoas de cascas e foram-no subindo até um seu affluente chamado Aceci, pelo qual entraram quatro leguas e desembarcando caminharam em rumo de NO onze dias, e atravessaram o Aceci, e andaram muitas leguas, descobrindo afinal as pedras verdoengas e azues, etc.

No meio destas indicações e contra-indicações, folmente resumidas de Gabriel Soares, é impossivel uma pessoa entender-se. Ha quem identifique o Aceci com o Suassuby e ha quem o identifique com o Santo Antonio. Com a mesma razão poderia identificar-se com outros. Para nós importam apenas os tres seguintes factos: primeiro que Sebastião Tourinho com os companheiros navegou o rio Doce até onde suas margens são elevadas, mas onde as cachoeiras não lhe obstruem ainda o leito; segundo que, portanto, o Mandi de Gabriel Soares é o Mandú dos geographos posteriores, ultimamente convertido em Guandú; terceiro que, depois de margear este e outros rios elles vieram sahir novamente no Doce, em região navegavel, em que não se fala de cachoeiras, portanto junto ao Cuité.

Sô ahí seguiram para o norte, isto é para a margem esquerda do rio Doce, onde afinal encontraram as pedras que procuravam. E digo que o rio Aceci fica na margem esquerda do rio Doce, porque, segundo Gabriel Soares informa, a viagem de Antonio Dias Adorno foi feita pelas indicações fornecidas por Tourinho, e Dias Adorno entrou no certão pelo rio das Caravellas, isto é, procurando o Norte do rio Doce.

Expostos os factos e sabido que foram anteriores a 1573, vejamos qual das duas expedições é chronologicamente a primeira, — si a da volta pelo Jequitinhonha, si a da subida pelo Doce.

III

O *Treatado* de Gandavo refere-se á fundação do collegio dos Jesuitas no Rio de Janeiro, iniciada em 1567; é-lhe portanto posterior. A entrada de Martin Carvalho deve ter sido antes, não só porque Gandavo já a dá por terminada, como por dizer que o chefe se mudara